

SAMAMBAIA

ONDE MORA DOMÍCIO SILVA DO CARMO

2006

1989

Há muito o que se ver e se viver por ali. Mas falta infra-estrutura e sobra desigualdade

"Não troco por nada"

GUSTAVO TOURINHO
DA EQUIPE DO CORREIO

Foi amor à primeira vista. Não demorou muito para Domício Silva do Carmo, 42 anos, entregar-se de corpo e alma à cidade de Samambaia, inaugurada em 25 de outubro de 1989. Baiano de Cocos, ele veio para o Distrito Federal em 1993. Morou um ano em Taguatinga. Ali, decidiu juntar às economias que guardara por sete anos, vender um quiosque (sua única propriedade até então), pegar a indenização de uma empresa que o demitira e comprar a tão sonhada casa própria. O lugar escolhido foi a QR 614 de Samambaia, um lugar que, já naquele mês de julho de 1994, "era lindo, apaixonante", apesar da ausência de asfalto e outras benfeitorias.

Mesmo sem morar em Samambaia desde os primeiros dias da cidade, Domício é memória viva da região. Conhece cada rua, atalho, parque, quadra de esportes, igreja. Ele sabe tanta coisa de lá que cita com certa dificuldade alguns poucos pontos para visitar. "Rapaz, tem tanta coisa aqui que é injustiça com outros lugares ir só a três ou quatro", lamenta.

Primeira parada: Paróquia Santa Luzia. "Venho aqui todo domingo, às 18h, sem falta. Trago meus dois filhos, minha esposa e minha sogra", enumera. A construção é em forma de barco, com uma cruz

na parte de cima, de onde se tem uma vista lindíssima e privilegiada de toda a cidade. Desde a inauguração da igreja, há 10 anos, aquela foi a primeira vez que Domício subiu até o ponto mais alto da igreja. "Olha isso aqui tudo, olha. Não troco Samambaia por nada neste mundo, nada. Ver Samambaia aqui de cima é a coisa mais linda do mundo", emociona-se Domício, tropeçando nas palavras, como quando se quer dizer muita coisa ao mesmo tempo.

Enquanto desce as escadas para seguir o roteiro de visitas a outros pontos da cidade, Domício revela as verdadeiras intenções de sua mulher, Roselita de Fátima Dias, 42. "Como sua família mora em Taguatinga, ela quer voltar para lá. Mas bato o pé, meu amigo: não volto, não volto e não volto." Meio revoltado com o fato, ele ainda esbraveja: "Daqui não saio. Daqui ninguém me tira." Mas o que, afinal, é tão especial em Samambaia que não pode ser encontrado em outro lugar, Domício? "Minha casa aqui é própria. Não devo nada a ninguém. Trabalhei minha vida inteira por ela. Não posso abrir mão agora", explica. Como sua casa está na cidade, ele faz de tudo para transformá-la no melhor lugar do mundo.

Cheiro diferente

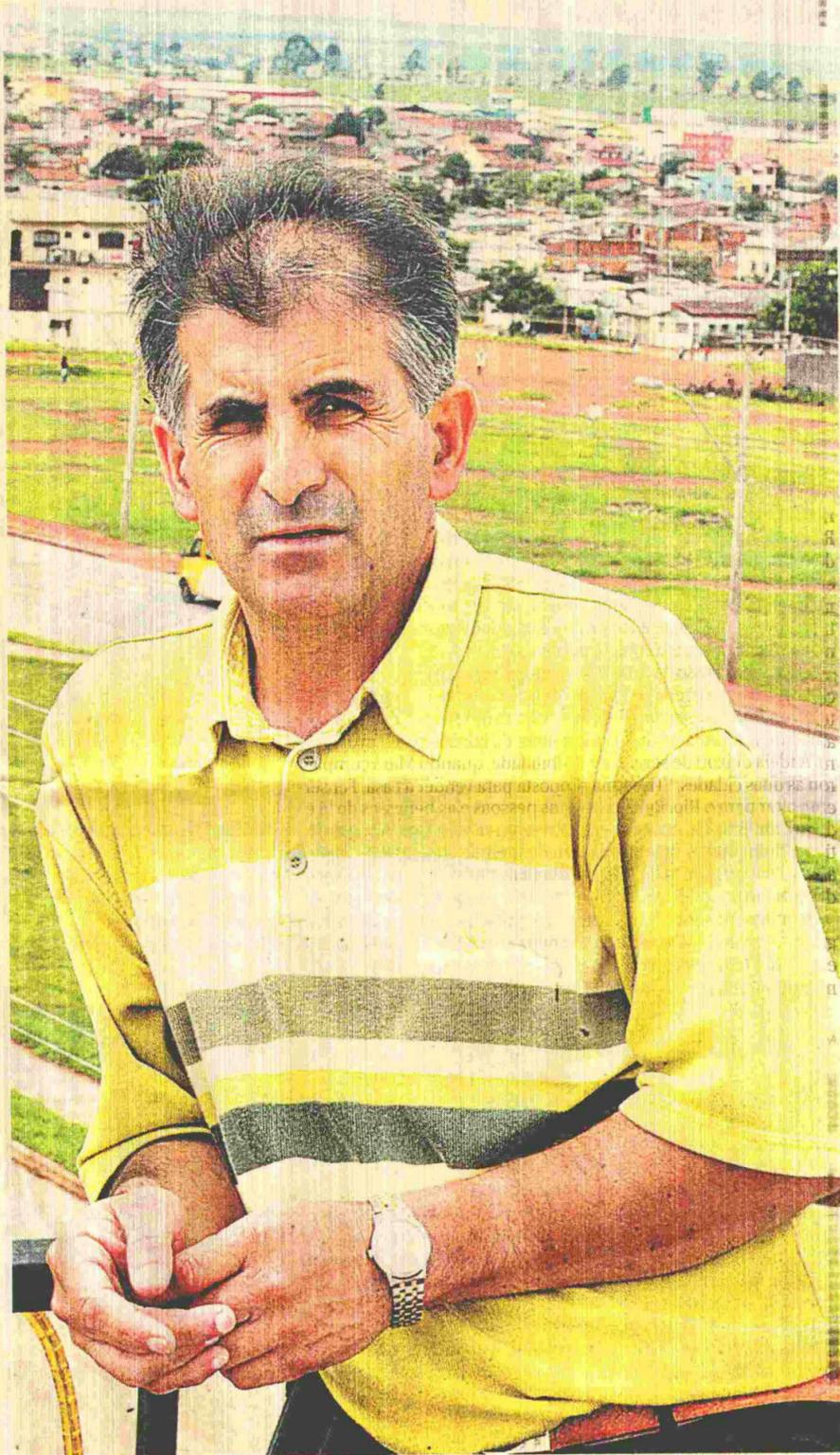
Depois de lá, Domício sugere visitar a Praça da União, na QR 410. Inaugurada exatamente um ano depois da criação da cidade, a praça, segundo ele, não passou por nenhuma reforma desde então. "Está abandonada mesmo, com o mato alto, blocos de concreto quebrados, essas coisas", reclama. O lugar é um importante ponto de encontro dos moradores das quadras próximas. Ali, crianças, jovens, adultos e idosos jogam tempo fora, divertem-se, conversam. "É inadmissível que um lugar como esse aqui fique tanto tempo sem uma reforma sequer. Lá se vão mais de 15 anos..." Domício possui muitas lembranças dali. Os momentos mais marcantes são de seus filhos - Guilherme, de 13 anos, e Natália, de 7 - brincando ali e de quando ele e a mulher encontravam-se com amigos naqueles bancos.

A menos de 2 km, a quadra de esportes da QR 408 é outro símbolo do abandono de parte da cidade. "Esportes e lazer deveriam ser duas prioridades daqui, mas não são", queixa-se. As telas de arame furadas representam risco para as crianças que se aventuram a brincar ali. Há, ainda, pedaços de cano de ferro espalhados, sobras de traves de gol ou das próprias telas. "Não deixo mais meus filhos brincarem aqui, não. É um risco danado."

Outra queixa de Domício é com relação à diferença de tratamento que, segundo ele, ocorre entre as quadras pares e ímpares de Samambaia. O metrô, por exemplo, maior sinal de desenvolvimento da cidade apontado pelo morador, só vai até as pares. "Essas quadras parecem até primeiro mundo", exagera, com certa vibração no tom de voz.

O Parque Ecológico Três Meninas, que ocupa uma área de aproximadamente 70 hectares, é um dos cartões-postais de Samambaia. "Aqui, até o cheiro é diferente, cheirinho de árvore, de natureza, sabe?", festeja Domício. Ali dentro, funciona a escolinha Brincando com o Verde, que ensina a

Paulo H. Carvalho/CB/18.4.06



utilizar de maneira sustentável a natureza. Fora isso, há também um campo de futebol.

O nome do parque, que existe desde a década de 1950, foi dado em homenagem às três filhas do antigo dono da chácara. Até hoje, existem as três casinhas de boneca que foram construídas para cada uma das meninas brincar.

Só com a roupa

Além da chegada do metrô, muitas outras coisas mudaram em Samambaia desde que Domício foi com sua família para lá. Muita coisa mesmo. "Nós não tínhamos hospital nem posto de saúde, a iluminação pública era precária, não havia asfalto e as escolas eram insuficientes para os moradores, que precisavam ir até outras cidades para continuar as aulas", lembra. Em 2004, um importante ponto da cidade, a Feira Permanente, recebeu o tão sonhado teto.

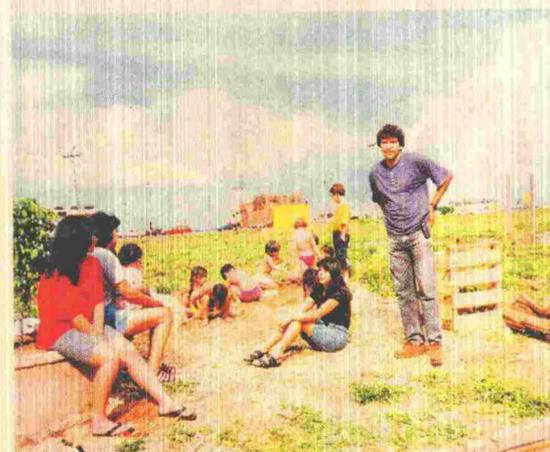
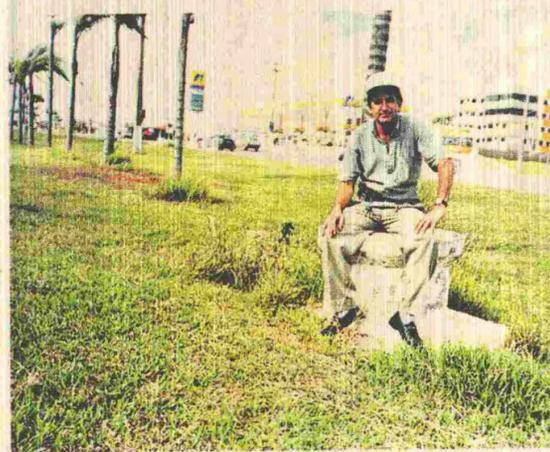
Entre 1989 e 1994, o elevado índice de migração de população de outros estados do Brasil para o Distrito Federal obrigou o GDF a criar por aqui regiões que abrigassem essas pessoas carentes. Muitas vezes, elas vinham para cá só com a roupa do corpo. Tudo em busca do sonho de uma vida melhor. Samambaia foi uma delas. O nome da cidade foi inspirado no córrego homônimo, que tem sua origem após as Quadras 127 e 327 e vai até a DF-180, margeando a cidade.

Ao longo do córrego, ainda se consegue ver a ve-

getação nativa típica de quando aquilo ali ainda era só cerrado. A cidade foi toda construída sobre uma área que era formada por chácaras pertencentes ao Núcleo Rural de Taguatinga. Sua construção redeu ao GDF o prêmio internacional *Metropolis award 2005*, por ser uma região criada para tentar solucionar os problemas de moradia e combater à pobreza em áreas urbanas.

Hoje, a cidade que ocupa 1,82% da área do Distrito Federal possui cerca de 215 mil habitantes, sendo aproximadamente 150 mil na área urbana. A idade média da população é 26,5 anos. As redes de água e esgoto atendem, respectivamente, a 99,94% e 98,65% dos moradores. Há 21 mil linhas telefônicas, entre residenciais e comerciais, instaladas em Samambaia, fora os quase 2 mil telefones públicos. A cidade possui duas delegacias de Polícia Civil, um Batalhão de Polícia Militar, um Batalhão Escolar e uma Companhia dos Bombeiros.

A saúde conta com um hospital público, dois particulares e quatro centros de saúde. Na área da educação, há 60 escolas particulares, 23 públicas, além de centros de ensino fundamental, médio e especial. A renda per capita de Samambaia é R\$ 254. Já a renda familiar é um pouco mais de R\$ 1 mil. São 29 as quadras de esporte da cidade, além de 16 campos de futebol sem iluminação e três com iluminação pública. Os dados são da Administração Regional de Samambaia.



Depois de 12 anos na cidade, Domício (foto) juntou um álbum de recordações dos passeios, dos fins de semana com os vizinhos, das primeiras áreas arborizadas: "Ver Samambaia de cima é a coisa mais linda do mundo"